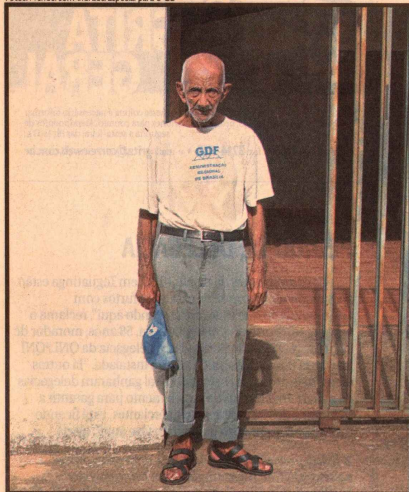


CIDADES

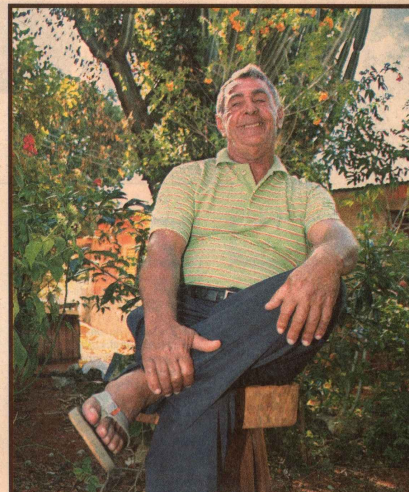
Fotos:Wenderson Andrade/Especial para o CB



O OPERÁRIO
Pai Vêio trabalhou duro nas máquinas para desbravar o cerrado

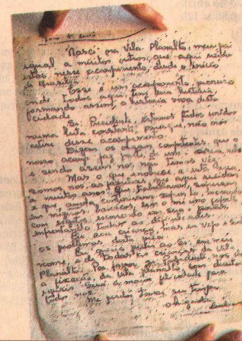


A PROFESSORA
Aparecida Cardoso lecionou para quase todas as crianças da vila



O SOLIDÁRIO
Com o dinheiro da aposentadoria, Zé Ramalho ajuda conterrâneos

Cinco décadas de memória



-aos 10 ANOS, LEILIANE LOPES ESCRVEU A CARTA QUE CONVENÇEU O PRESIDENTE SARNEY A FIXAR OS PIONEIROS NAQUELE PEDAÇO DO DF

Antigo acampamento de pioneiros, a Vila Planalto é uma espécie de irmã mais velha da capital: candangos e seus descendentes guardam em documentos e lembranças a epopéia da construção de Brasília

13º PRÊMIO NACIONAL ASSIS CHATEAUBRIAND DE REDAÇÃO / PROJETO MEMÓRIA



Augusto
Ruschi

Patrono da
Ecologia
Brasileira

Tema da Redação

Augusto Ruschi e o Desafio do Desenvolvimento Sustentável A Magia do Beija-Flor

Pioneiro do estudo do beija-flor, essa ave mágica e grande responsável pela vida das florestas, Augusto Ruschi (1915/1986) é o Patrono da Ecologia no Brasil por sua posição em favor da Natureza e também pelo estudo das espécies brasileiras. Lutou e trabalhou como poucos sobre a importância de se pensar o homem e o seu habitat.

Há muito que se resgatar da obra desse cientista e humanista, reconhecido como um dos maiores homens que construíram o saber e as idéias do século XX. E, que é também a principal personagem em defesa da Ecologia nacional. Leia, pesquise e escreva sobre o ser humano, o desenvolvimento e o meio ambiente. Tome como exemplo Augusto Ruschi, esse brasileiro único que defendeu a harmonia entre os seres vivos e a terra em que vivemos.

R\$ 35.000,00 EM PRÊMIOS
e uma viagem a Brasília para a solenidade de premiação.

Para estudantes do ensino fundamental, médio e superior

ENTREGA DAS REDAÇÕES: até 31 de agosto de 2007

INFORMAÇÕES E REGULAMENTO: (61) 3214-1376 / 3214-1378 ou <http://fac.correioweb.com.br>



Ministério da Cultura



MARCIONILIA TEIXEIRA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A memória dos moradores de Vila Planalto ferve quando chega o mês de abril. O passado vem à tona, com imagens de migrantes chegando de várias partes do país em busca de emprego nas obras de construção da cidade. Multidões de homens, mulheres e crianças que começaram a se instalar em barracões de madeira improvisados três anos antes da inauguração de uma Brasília que ajudaram a erguer. E, como irmãos, a vila e a capital fizeram aniversário ontem: uma completou 50 anos, a outra, 47.

Os pioneiros e seus remanescentes agora são escassos naquele pedaço do Distrito Federal. Mas quem restou ainda tem muita história para contar. Pelas mãos da professora aposentada Aparecida Cardoso, uma mineira com 56 anos, passaram praticamente todas as crianças que estudaram na primeira escola da vila.

Hoje são adultos espalhados pelas mais diversas partes do país. A Escola Peri da Rocha França, depois chamada Escola Classe do Planalto, ruiu, sem cuidados, mas os frutos do que Aparecida viveu em sala de aula estão maduros.

"Um dia desses um rapaz apareceu na minha porta dizendo que tinha sido meu aluno. No começo não reconheci o moço. Depois ele contou que queria me mostrar um carro novo, que acabara de comprar. Fiquei muito gratificada com aquele gesto." Aparecida é uma das poucas pessoas do lugar a morar com a família em uma casa de madeira original, que remonta à época da construção de Brasília. A professora tem um tesouro, de valor incalculável. Por conta de um imóvel como o dela, a Vila Planalto foi tombada como Patrimônio Histórico em 18 de novembro de 1991. "É difícil manter essa estrutura sem a ajuda do governo. Dá trabalho dedetizar para combater os cupins e mudar a madeira, que precisa ser de lei", detalha.

A Vila Planalto original, dividida em 22 acampamentos repletos de barracões de madeira de lei, foi reduzida a quatro acampamentos, nos quais restaram apenas cinco casas de preservação rigorosa, usadas pelo Governo do Distrito Federal (GDF) ou por entidades da sociedade civil. Além disso, existem cerca de oito imóveis de moradores como Aparecida e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Pompéia, recém-reformada ao custo de R\$ 640 mil e que deve ser inaugurada, oficialmente, dentro de dois meses, após o término das obras em seu entorno: praça, estacionamento e memorial do pioneiro. A estrutura original foi alvo de um incêndio no carnaval de 2000, mas somente no ano passado começou a ser submetida à reforma.

A Vila Planalto original, dividida em 22 acampamentos repletos de barracões de madeira de lei, foi reduzida a quatro acampamentos, nos quais restaram apenas cinco casas de preservação rigorosa, usadas pelo Governo do Distrito Federal (GDF) ou por entidades da sociedade civil. Além disso, existem cerca de oito imóveis de moradores como Aparecida e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Pompéia, recém-reformada ao custo de R\$ 640 mil e que deve ser inaugurada, oficialmente, dentro de dois meses, após o término das obras em seu entorno: praça, estacionamento e memorial do pioneiro. A estrutura original foi alvo de um incêndio no carnaval de 2000, mas somente no ano passado começou a ser submetida à reforma.

A carta

Poderia ser pior. Isso se uma menina com apenas 10 anos, filha de um casal de pioneiros, não tivesse

tomado a frente de um grupo de 10 líderes comunitárias. Elas se reuniam com frequência para discutir a realidade do local. Na época, Leiliane Lopes, hoje com 31 anos, teve a idéia de escrever com a ajuda da mãe e da irmã mais velha uma carta ao presidente da República, José Sarney. No papel, a garota expressou o desejo dela e das crianças da vizinhança de permanecer naquela terra, sem o risco da expulsão dos moradores, como vinha acontecendo. "Montei acampamento na frente da rampa do Palácio do Planalto e na hora em que o presidente desceu, corri, passei no meio das pernas dos guardas e entreguei a carta a Sarney", lembra Leiliane, orgulhosa. O ato valeu a pena. Em 1988, o governador do Distrito Federal assinou o decreto que fixou os moradores na vila.

Depois dessa história, todos passaram a morar no lugar mediante uma concessão pública de terras. Gente como "Pai Véio", cujo nome de batismo é Antônio Ferreira Pacheco, 98 anos. Mineiro, natural de Patos, o aposentado chegou a Vila Planalto em 1957. Trabalhou duro nas máquinas e se aposentou com problemas de saúde, resultado de 36 horas seguidas de serviço por seis de descanso. "Todos os ministros já me deram a mão por causa de minha história. Sou um desbravador, abri o triângulo mineiro e ajudei a construir Brasília", revela, saudoso.

Saudade que aperta também o coração do cearense, que se diz pernambucano, José Juvenal Ramalho, 67 anos. Na frente de casa, ele plantou um pé de mandacaru para lembrar a terra natal. Mas voltar para lá e morar, nunca mais. "Se não tivesse vindo para Brasília caçar emprego, talvez já tivesse morrido", ressaltou. Hoje ele colhe os louros da batalha que enfrentou desde que chegou, em 1961. Na Vila Planalto, montou uma família e uma casa. Com o dinheiro da aposentadoria do GDF ajuda muitos conterrâneos. Pelo menos uma vez por ano. É gente simples como os vizinhos da Vila Planalto. No sertão nordestino é tratado como doutor Zé Ramalho, um homem que dá uma mãozinha aos mais pobres.

Saudade que aperta também o coração do cearense, que se diz pernambucano, José Juvenal Ramalho, 67 anos. Na frente de casa, ele plantou um pé de mandacaru para lembrar a terra natal. Mas voltar para lá e morar, nunca mais. "Se não tivesse vindo para Brasília caçar emprego, talvez já tivesse morrido", ressaltou. Hoje ele colhe os louros da batalha que enfrentou desde que chegou, em 1961. Na Vila Planalto, montou uma família e uma casa. Com o dinheiro da aposentadoria do GDF ajuda muitos conterrâneos. Pelo menos uma vez por ano. É gente simples como os vizinhos da Vila Planalto. No sertão nordestino é tratado como doutor Zé Ramalho, um homem que dá uma mãozinha aos mais pobres.

Mudanças

A Vila Planalto não é mais a mesma. Pelo menos essa é a opinião da professora da Universidade de Brasília (UnB) Maria Elaine Kolsdorf. A especialista, ligada ao curso de graduação em arquitetura, afirma que a especulação imobiliária e a descaracterização das casas históricas vai de encontro à proposta do título de Patrimônio da Humanidade, concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) no final da década de 1980.

A Vila Planalto, segundo ela, não é mais reducto de pioneiros e seus descendentes. "De 1987 para cá, a série de políticas que não observavam a preservação da vila, afastaram essa população. O valor da área é alto, já que fica próximo à Esplanada. Apesar de proibido, a terra termina sendo vendida", denuncia a professora, que participou da preparação do dossiê para o tombamento, encaminhado à Unesco.

“SE NÃO TIVESSE
VINDO PARA BRASÍLIA
ÇAÇAR EMPREGO,
TALVEZ JÁ TIVESSE
MORRIDO”

José Juvenal Ramalho,
67 anos, pioneiro